

**RELIGIÃO E COMPLEXIDADE: IMPLICAÇÕES AXIOLÓGICAS DAS CIÊNCIAS
DA RELIGIÃO¹**

Adelino Francisco de Oliveira²

Introdução

Almejamos, com a presente reflexão, trazer para o plano principal de debate as implicações axiológicas de uma produção em ciências da religião articulada em perspectiva complexa. Entendemos que as ciências da religião, quando alicerçadas na epistemologia do pensamento complexo apresentado pelo pensador contemporâneo Edgar Morin, articulam uma nova dinâmica de produção científica. Uma ciência que rompe com os pressupostos que têm sustentado o conhecimento na modernidade – especificamente os princípios cartesianos de fragmentação e redução e os postulados de uma ciência positivista –, conhecimento este que acabou compondo, na expressão do próprio Morin, uma *Inteligência cega*³. Essa nova ciência, ao considerar a complexidade que compõe a realidade, assume uma dimensão de consciência – uma ciência com consciência. Insere-se, então, neste ponto, a relevância da perspectiva axiológica na abordagem científica. De fato, as ciências da religião, ancorando-se na epistemologia da complexidade, vislumbram um discernimento complexo sobre a realidade do mundo, desenvolvendo uma ciência com consciência, ou seja, uma ciência alicerçada e articulada a partir de uma reflexão ética sobre a complexidade que compõe a realidade.

Entendemos que o pensamento complexo, articulado por Morin, emerge como tentativa de resposta para a fragmentação e desarticulação inerentes à ciência moderna, em geral, e ao homem contemporâneo, em particular. Assim, em perspectiva mais específica e pertinente, objetivamos discernir as possíveis contribuições de dimensão axiológica do pensamento complexo para um aprofundamento e desenvolvimento do ethos decorrente do saber religioso. De fato, propomos uma articulação entre religião e complexidade, unidas em um comprometimento ético e responsável pelos destinos da humanidade.

A Intrínseca Relação entre Religião, Complexidade e Ética

A problemática de uma produção científica preocupada e comprometida com a superação dos dilemas contemporâneos encontra um evidente caminho de solução nas elaborações de Edgar Morin sobre o pensamento complexo. Neste sentido, Morin, em um interessante texto no qual disserta sobre sua percepção acerca da religião, nos fornece relevantes elementos para compormos a dimensão axiológica pertinente às ciências da religião. De fato, o pensador em tela elucidava que:

Há um vínculo inseparável entre este planeta, ser físico, a biosfera e nós mesmos – não se vai reduzir um destes termos ao outro – e, a meu ver, é aqui que a palavra “religião” assume um sentido mínimo: *o que liga*. Devemos nos conscientizar de que estamos *ligados* à vida, de que a vida está *ligada* à Terra, de que a Terra está *ligada* ao seu Sol, e de que o próprio Sol está *ligado* a este imenso cosmo. Eis, a meu ver, a idéia fundamental...⁴

Assim, Edgar Morin, imbuído de sua percepção da complexidade, compreende a religião – em um movimento complexo – como aquela que liga, que evidencia relações. A religião, na perspectiva moriniana, é expressão dinâmica da complexidade – no sentido genuíno do termo, aquilo que é tecido conjuntamente. Nesta perspectiva, a religião, de maneira dialógica e hologramática⁵, desvela-se em dinamismo de recíproca ligação. Neste caso, em um primeiro plano – sem, contudo, denotar hierarquias –, encontramos a ligação dos seres humanos entre si – delineando o ser que se encontra como humano no cotidiano da cultura e da vida em sociedade. Em um segundo plano, vislumbramos a ligação dos seres humanos com a natureza – consubstanciando o rompimento com uma visão antropocêntrica de existência e afirmando o próprio ser humano como natureza. Fechando a tríade, compondo o terceiro plano, situamos a ligação dos seres humanos com o transcendente – evidenciando a esperança do devir.

Humanidade e Ecologia: A Terra como Destino Planetário

Consoante tal reflexão, entendemos, de fato, com Morin, que a problemática da ética se insere em uma questão muito mais ampla e profunda: a própria percepção da realidade como um *complexus*. Ora, com esta perspectiva, Morin evidencia a intrínseca relação entre as diferentes realidades. Tudo está inter-relacionado, não há realidades isoladas. Revela-se aqui, diante do cientista da religião, um primeiro desdobramento de conteúdo ético: o pensar globalmente, dentro de um contexto local específico. De fato, o pensar global exige a consideração de implicações, não tão evidentes e imediatas a um olhar desatento à complexidade da realidade. Pode-se, por exemplo, aparentemente, viver em sociedade e até produzir conhecimento científico, ressaltando-se a liberdade e a autonomia de cada indivíduo, sem, contudo, considerar a estreita relação existente entre cada indivíduo e cada conhecimento produzido. Mantém-se, neste caso, a coesão social por meios autoritários e coercivos. No entanto, tal postura conduz a uma desestruturação e a um conseqüente desfacelamento social. Ora, neste ponto, o próprio Morin esclarece que:

...A única maneira de salvaguardar a liberdade é que haja o sentimento vivido de comunidade e solidariedade, no interior de cada membro, e é isso que dá uma realidade de existência a uma sociedade complexa. Portanto, a solidariedade é constituinte desta sociedade. O pensamento que une o modo de conhecimento se prolonga para o plano ético, da solidariedade e da política. Há uma ética da complexidade que é uma ética de compreensão.⁶

De fato, Morin compreende que há uma estreita ligação entre as realidades complexas. Diante de tal entendimento, o cientista da religião, no desdobramento de suas pesquisas, deve trabalhar com estas ligações complexas, sentindo-se, inclusive, inserido nesta complexidade. Emerge, então, a ética da solidariedade na produção de conhecimento científico. E, aqui, descortina-se, novamente ao cientista da religião imbuído dos princípios

da complexidade, um segundo desdobramento ético: a perspectiva ecológica. A dimensão ecológica – entendida como o estudo das relações que todos os seres existentes mantêm entre si e com o meio ambiente – revela-se como imperativo ético na produção científica de conhecimento pautada em epistemologia complexa.

Neste contexto, de maneira elucidativa, emergem as relevantes reflexões de Morin, articulando as noções de cidadania terrestre e de Humanidade como destino planetário. O indivíduo, mesmo resguardando toda sua subjetividade singular, está indissociavelmente e estreitamente vinculado à espécie humana. Ora, a percepção do indivíduo singular como membro da espécie humana impõe uma ética, denominada por Morin de antro-po-ética – que supera posturas individualistas e não solidárias –, na medida em que desperta em cada indivíduo o sentimento de pertença a uma realidade muito mais ampla, consubstanciada na espécie humana. Assim, cada indivíduo, em particular, deve assumir, imperativamente, a tarefa, eminentemente ética, de cuidar da espécie humana como um todo. Desdobra-se, então, para Morin, da perspectiva antro-po-ética, a noção complexa de Humanidade. De fato, o indivíduo singular, em íntima relação com a espécie humana, encontra seu destino planetário – o sentido de sua existência individual – no soerguimento da Humanidade. Dissertando sobre a concepção de Humanidade, Morin explicita, em perspectiva complexa, que:

A Humanidade deixou de constituir uma noção apenas biológica e deve ser, ao mesmo tempo, plenamente reconhecida em sua inclusão indissociável na biosfera; a Humanidade deixou de constituir uma noção sem raízes: está enraizada em uma “Pátria”, a Terra, e *a Terra é uma Pátria em perigo*. A Humanidade deixou de constituir uma noção abstrata: é realidade vital, pois está, doravante, pela primeira vez, ameaçada de morte; a Humanidade deixou de constituir uma noção somente ideal, tornou-se uma comunidade de destino, e somente a consciência desta comunidade pode conduzi-la a uma

comunidade de vida; a Humanidade é, daqui em diante, sobretudo, uma noção ética: é o que deve ser realizado por todos e em cada um.⁷

Claramente, a noção de Humanidade moriniana contempla a complexidade que o termo evoca. Assim, Morin utiliza a palavra Humanidade – com a letra h em maiúsculo – em um sentido forte, genérico e universal, demonstrando que a noção de Humanidade emerge da existência histórica e espiritual dos homens e das mulheres de todos os tempos, atrelados, inexoravelmente, à espécie humana. Neste caso, a Humanidade não aparece como um conceito acabado e sim como uma tarefa em construção cuja responsabilidade recai sobre todos os humanos como espécie e a cada indivíduo. Consubstancia-se aqui, de fato, a perspectiva da construção de uma cidadania terrestre, tendo a Humanidade como destino planetário da espécie humana em geral e de cada indivíduo em particular. Assim, a Humanidade, que tem a Terra como sua Pátria – fundando a noção de cidadania terrestre –, desvela-se como o destino planetário de todos os indivíduos. Esta perspectiva fundamenta a dimensão eminentemente ecológica – e evidentemente ética – do fazer científico em ciências da religião. Reivindicamos, então, alicerçados na compreensão moriniana de complexidade, para o campo específico da pesquisa em ciências da religião, a noção de cidadania terrestre e a Humanidade como destino planetário, como metas axiológicas das ciências da religião. Obviamente, que o fazer científico, amparado em princípios de fragmentação e redução, delineando um conhecimento cada vez mais restrito e especializado, não se revela capaz de alcançar tais implicações axiológicas. De fato, a ciência que aludimos, erigida a partir dos pressupostos da epistemologia complexa, consubstancia-se em uma ciência nova que traz, em seu bojo, uma profunda dimensão de consciência.

Deste modo, quando atentamos para a abordagem da temática de uma ciência com consciência, alicerçada em discernimentos éticos, devemos resguardar o debate em torno da dimensão e conteúdo social, político e coletivo da ética, direcionando o olhar para as

relações humanas, religiosas sociais, culturais e ecológicas que norteiam e delineiam o caráter da prática científica.

Alguns Imperativos Éticos na Articulação de uma Ciência com Consciência

Quando do debate ético, a embasar e fundamentar o trabalho científico, discernimos alguns temas relevantes para a ação do pesquisador ou cientista da religião. Tais temáticas – suscitadas em forma de teses pelo próprio Morin – desvelam-se como primordiais para o engendramento de uma reflexão profunda e crítica, desenvolvida em perspectiva complexa. Em primeiro plano, o pensar ético deverá discernir em torno das possibilidades e condição concreta para a recriação do fazer científico. Aludimos à dimensão do fazer científico no seu contexto mais genuíno, abarcando a produção do conhecimento. Ora, o conhecimento científico não pode ancorar-se em uma postura de conhecer por conhecer, alheio às conseqüências advindas com o saber alcançado. Em segundo plano, a partir do entendimento em torno das condições materiais, o pensar ético, atentando para as possibilidades epistemológicas de construção do conhecimento, deverá integrar vários saberes, de maneira a captar e depurar o conteúdo e a realidade das várias esferas sociais, contemplando-se o saber complexo. Defini-se aqui a pertinência da epistemologia da complexidade. Em terceiro plano, e ainda dialogando com Morin, situamos a necessidade de se cunhar uma nova compreensão do humano, evidenciando sua dimensão complexa. Em quarto plano – e a partir daqui assumimos um discernimento não explorado por Morin –, o saber ético passará a abordar as implicações e repercussão da prática e produção científicas no cotidiano do homem, discernindo a forma pela qual poderá interagir na perspectiva da correlação de forças e relações sociais. Tal reflexão está, íntima e inexoravelmente, vinculada à adesão do pesquisador a projetos de sociedade. Em quinto plano, o saber ético deverá estar entretido com a avaliação em torno das possibilidades a que o fazer científico venha a abarcar postura crítica e reflexiva, discernindo,

concomitantemente, acerca da condição a que o saber seja democratizado e acessível a vários segmentos sociais. Em sexto plano, o saber ético deve fomentar para o cientista ou pesquisador a possibilidade a que o mesmo se entenda e se represente como formador de opinião, quando da contribuição da ciência na recriação de valores e pressupostos ideológicos a legitimarem ou resistirem a modelos e projetos de sociedade. E finalmente, compondo nosso sétimo plano, a reflexão ética deverá conduzir o cientista a entender a sua atividade como expressão do trabalho humano que, nesta qualidade, transforma a natureza e o cotidiano, o que acaba por justificar o caráter social e coletivo da ciência e sua relevância para o estabelecimento de relações humanas e sociais – fundamentais no processo civilizatório.

Conclusão

Os elementos abordados no decorrer da presente reflexão delineiam a pertinência do pensamento complexo como possibilidade axiológica para a construção de uma ciência em geral – e das ciências da religião em particular – alicerçada em postulados éticos. Deste modo, Morin elucida que:

A ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. (...) Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.⁸

Edgar Morin, desenvolvendo a ótica da complexidade, propõe uma ciência com consciência, alicerçada na percepção de um ser humano – produtor de conhecimentos – complexo, pertencente e interagindo em uma realidade também fundamentalmente

complexa. De fato, compreendemos que a epistemologia complexa fornece as bases para a articulação de uma ciência com consciência. O conteúdo eminentemente axiológico da produção científica, em perspectiva complexa, evidencia-se na articulação de um saber de representação global, inserido, obviamente, em uma realidade de contexto. A relação do global mediada por uma análise de contexto já é expressão de uma compreensão de complexidade, pois remete-nos à dinâmica hologramática. No entanto, a constatação da complexidade da realidade conduz para um discernimento dialógico sobre a dimensão ética pertinente ao fazer científico. Assim, as ciências da religião, quando alicerçadas em uma epistemologia complexa, vislumbrarão desenvolver uma abordagem pautada em princípios axiológicos abertos às contradições inerentes ao seu objeto de pesquisa: os homens e as mulheres mergulhados na complexidade da vivência religiosa cotidiana.

¹ Este artigo sobre "Religião e complexidade: implicações axiológicas das ciências da religião" é um resumo da terceira parte do quarto capítulo da dissertação: *Religião e complexidade: uma aproximação ao pensamento complexo – contribuições e possibilidades ao estatuto epistemológico das ciências da religião*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC, 2004.

² Adelino Francisco de Oliveira é mestre em Ciências da Religião, professor de Sociologia e Introdução ao Pensamento Teológico da Faculdade Salesiana Dom Bosco de Piracicaba.

³ Morin utiliza a expressão *Inteligência cega* para designar aquela forma de pensar que reduz e separa. Reduz na medida em que unifica aquilo que é diverso ou múltiplo e separa, pois isola os objetos uns dos outros ao mesmo tempo em que também os isola do seu ambiente e do seu observador. (Cf. MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002).

⁴ MORIN, Edgar. *Nomes de deuses: ninguém sabe o dia que nascerá*. São Paulo, Editora da UNESP; Belém, PA: Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002, p. 36.

⁵ A perspectiva hologramática considera a intrínseca relação do todo com as partes e a dialogia procura assimilar e interagir com as contradições que compõem a realidade.

⁶ CASTRO, Gustavo, CARVALHO, Edgar de Assis e ALMEIDA, Maria da Conceição (org). *Ensaio de complexidade*. 3ª ed. Porto Alegre, Sulina. 2002, p. 18.

⁷ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3ª ed. São Paulo, Cortez; Brasília, Unesco, 2001, p. 114.

⁸ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3ª ed. São Paulo, Cortez; Brasília, Unesco, 2001, p. 17.